

## PIERRE TEILHARD DE CHARDIN (1881-1955)



*Na própria medida em que se encontrem reunidos uns contra os outros, os elementos pensantes que todos nós somos multiplicam incontestavelmente, por um mecanismo de inter-reflexão, o seu poder de reflexão individual.*

- ♦ Padre jesuíta francês, desde 1905. Parte para o Egito em 1908. Trabalha no laboratório de Paleontologia do Museu de Paris. Em 1918 passa a professor de geologia do Instituto Católico de Paris. Doutor em ciências desde 1922.
- ♦ Parte no ano seguinte para a China, donde apenas regressa em 1945. Em 1926, os superiores jesuítas ordenam-lhe que abandone o ensino no Instituto Católico de Paris. Descobre em 1929 o *Sinanthropus*. Tenta reconciliar o cristianismo com a ciência, mas as suas obras não são autorizadas pelo Vaticano. Em 1933 é negado o *imprimatur* a *Le Milieu Divine*. Em 1938 a *L'Énergie Humaine*.
- ♦ Em 1944, Roma proíbe *Le Phénomène Humaine*, para lá enviado em 1941. Instalado em França de 1946 a 1951, não obtém das autoridades eclesiásticas autorização para poder candidatar-se ao *Collège de France*, em 1948. Retira-se então para Nova York, onde se instala desde 1951.
- ♦ Um decreto do Santo Ofício de 6 de Dezembro de 1957 determina que os seus livros devem ser retirados das bibliotecas dos seminários e instituições religiosas nem ser vendidos em livrarias católicas. Em 1962, ainda o Santo Ofício condenava as respectivas teorias. Só em 1981 é que o papa João Paulo II as deixou de considerar como heterodoxas.
- ♦ Passa a fazer-se uma interpretação espiritualista da evolução e utilizou-se um modelo dialéctico superador da respiração hegeliana da *tese-antítese-síntese*. Chardin, vem falar num *evolutivo cósmico* onde há simultâneamente *divergência* e *convergência* geradoras de uma complexidade que deveria *lançar para cima e para dentro* através da *emergência*, no sentido de um *estado cada vez mais complexo e centrado*, pela subida do múltiplo para a unidade. *Tout ce qui monte, converge*.

♦Foi assim que aconteceu, sucessivamente com o aparecimento da vida, a partir do múltiplo inicial. Assim voltou a acontecer com a cefalização e o aparecimento do homem. Do mesmo modo, vai sucedendo com o processo de *noogênese*, com a *socialização*, no caminho para o *trans-humano*, o *ponto ômega*, para a síntese do universal e do pessoal.

♦Todos os sistemas vivos, enquanto sistemas abertos são sistemas complexos e não sistemas simples. Se nas coisas simples domina uma energia tangencial, o acaso, a entropia e a probabilidade, já nas coisas complexas existe uma energia radial, o anti-acaso, a anti-entropia e o improvável.

♦O sistema aberto seria regido por mecanismos de auto-organização, responde a flutuações aleatórias, tem processos de crescente complexificação, conuzindo a ordens cada vez mais espontâneas.

♦Deste modo, cada nova ordem traz consigo novos desafios, donde surgem novas ordens ainda mais complexas. A complexidade diz respeito aos todos, às totalidades que não são simples justaposição de elementos simples, diz respeito aos todos centrados sobre si mesmos.

♦A especificidade está na energia radial ou interna das coisas humanas, dessa anti-entropia que atravessa o mundo físico e o faz subir para o improvável. É esse poder que têm os seres vivos para a regeneração e para a multiplicação. Essa forma de energia que lança para cima e para dentro, para estados cada vez mais complexos e mais centrados.

♦Essa forma de energia que liga os corpúsculos de centro a centro, de consciência a consciência sempre no sentido do improvável. Nisso, os seres vivos divergem da lei da degradação da energia marcante no mundo físico, onde domina a entropia, aquela quantidade de energia que, sendo gasta numa mudança, se torna irrecuperável pelo sistema e fica para sempre na zona do desperdício. A entropia tende para a involução e para o nivelamento de conjuntos corpusculares marcados pela probabilidade, por esse jogo nivelador e homogeneizador que conduz à morte da matéria. Ela não passa de uma energia tangencial, mensurável. Contudo, a consciência faz parte do *tecido* do universo como o próprio corpo.

♦Porque o universo é bi-facial, é *Espírito-Matéria*, dado que o Espírito emerge da complexidade da Matéria e o *fenómeno humano* constitui apenas uma fase suprema do fenômeno espiritual. A relação entre o Espírito e a Matéria é o mesmo do que a relação entre o Uno e Múltiplo.

♦Não há antinomia, porque *concretamente, não há Matéria e Espírito; somente existe Matéria tornando-se Espírito. Não há no mundo nem Espírito nem Matéria: o tecido do Universo é Matéria-Espírito. Não entre a Matéria e o Espírito separação nem justaposição. A asuperestrutura do Espírito funda-se na*

infraestrutura da Matéria, a realidade da Matéria é o que permite a emergência do Espírito.

♦Para que o *político* possa emergir não basta a reunião ou justaposição de elemento, é preciso que eles sejam coordenados ou centrados, não por um centro geométrico mas por uma unidade de acção que vise produzir uma acção comum. Neste sentido, o político é complexo, é composto de diferentes peças que funcionam em relação umas às outras, em função de um centro.

♦O político é produto de uma *antropogénese*, é um ressalto original a evolução sobre si mesma, através da reflexão. A partir de então surge uma nova forma de energia que gera um movimento circular, produto da emergência de um sistema cerebral, de uma consciência reflexiva que tem vista uma convergência humana, de uma construção do universo pela *amorização*.

♦Se há uma fase de divergência, de multiplicação de seres, segue-se a convergência, o encontro ou ínteses destes seres, onde surge a emergência, o aparecimento de uma qualidade nova, provocada pela energia radial, que aponta para uma subida no sentido do improvável.

♦O motor da história não é a contradição, a antítese contra a tese, mas a atracção e o amor. A divergência não é oposição. A convergência é atracção. A emergência é uma qualidade nova que permanece ligada à síntese.

♦Por outras palavras, a evolução é continuidade, não é ruptura, pelo que as próprias ciências sociais são o prolongamento da física e da biologia. O político é produto de um centro que será tanto mais simples e mais profundo quanto mais densa e de maior raio for a esfera onde o coração se forma. O político não faz parte da *biosfera*, da zona da vida não reflexiva que cobre o planeta, da zona da vida dos vegetais e dos animais.

♦O político faz parte da *noosfera*, da humanidade encarada como a camada pensante da terra, estreitamente ligada à biosfera, mas distinta dela, daquela noosfera que evolui para estados cada vez mais centrados.

♦O mundo não é assim um mundo de coisas, mas de *processos*. Tudo se transforma, tudo está em evolução, tudo marcha do múltiplo para a unidade, num processo cósmico de *planetização*, segundo o qual os homens tendem a formar uma unidade assente na diferenciação, onde o todo, a totalidade não é uma soma nem um amontoado, mas um conjunto onde todas as partes estão ligadas entre si, de centro a centro, de consciência a consciência. Uma união que salvaguarda a diferença e originalidade de cada parcela, dado que nunca significa fusão, mas antes diferenciação.

♦A humanidade é um todo em via de centração. Há continuidade na passagem do natural ao artificial, porque o fluxo da vida sobe para a consciência. *L'homme-individu est essentiellement famille, tribu, nation. Tandis que*

*l'humanité, elle, n'a pas encore trouvé autour de soi d'autres Humanités pour se pencher sur elle et lui expliquer où elle va.*

♦O homem não é uma peça acrescentada ao mundo, emerge do movimento cósmico. O artificial, o cultural é o natural hominizado, é a organização da matéria acompanhada de psiquismo.

♦Neste sentido, impor-se-ia uma *ultrafísica*, um esforço capaz de englobar a matéria e o espírito, capaz de relacionar dialecticamente idealismo e materialismo, uma explicação coerente do mundo capaz de apelar para a soma das nossas experiências, apelando ao aperfeiçoamento do mundo e ao crescimento ontológico do sujeito, um conhecimento que também seja *praxis*.

♦Caminhamos para a totalidade, para a conciliação entre o universal e o pessoal, para uma totalidade que não é fusão de elementos num amontoado ou num todo indeterminado, mas uma união que diferencia e interioriza, que personaliza, porque toda a unidade, consciente de si mesma, é distinta: *na própria medida em que se encontrem reunidos uns contra os outros, os elementos pensantes que todos nós somos multiplicam incontestavelmente, por um mecanismo de inter-reflexão, o seu poder de reflexão individual.*

♦O ponto ómega será pois união na diferenciação, o contrário da uniformização, do nivelamento, do igualitarismo, *do formigueiro de elementos, unicamente comandados por leis estatísticas dos grandes números e do acaso.*

*La Messe sur le Monde*, 1923.

*Le Phénomène Humain*, Paris, Éditions du Seuil, 1955. Cfr. trad. port. de Léon Bourdon e José Terra, *O Fenómeno Humano*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1965.

Obra escrita entre 1938 e 1940.

*L'Apparition de l'Homme*, Paris, Éditions du Seuil, 1956.

*La Vision du Passé*, Paris, Éditions du Seuil, 1957.

*Le Milieu Divin*, Paris, Éditions du Seuil, 1957.

*L'Avenir de l'Homme*, Paris, Éditions du Seuil, 1959.

*L'Énergie Humaine*, Paris, Éditions du Seuil, 1962.

*L'Activation de l'Énergie*, Paris, Éditions du Seuil, 1963.

*La Place de l'Homme dans la Nature*, Paris, Éditions du Seuil, 1965.

*Science et Christ*, Paris, Éditions du Seuil, 1965.

*Cartas de Hastings e de Paris. 1908-1914*. Cfr. trad. port., Lisboa, Moraes Editores, 1967.

*Cartas a Léontine Zanta*. Cfr. trad. port., Lisboa, Moraes Editores, 1967.

*Cartas do Egipto. 1905-1908*. Cfr. trad. port., Lisboa, Moraes Editores, 1967.

☐ Coffy, Robert, *Teilhard de Chardin e o Socialismo*, Lisboa, Moraes Editores, 1967; Colóquio *A Unidade do Género Humano*, realizado no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, de 2 a 6 de Maio de 1965, com a colaboração da Société Pierre Teilhard de Chardin e do Centro Português de Estudos Europeus, in *Estudos Políticos e Sociais*, vol. III, nº 3, 1965, pp. 791-866; Cuénot, Claude, *Aventura e Visão de Teilhard de Chardin*, Lisboa, Moraes Editores, 1966; Lubac, Henri, *A Oração de Teilhard de Chardin*, trad. port. de António Jorge, Lisboa, Moraes Editores, 1965; - *Blondel e Teilhard de Chardin*,

Lisboa, Moraes Editores, 1968; Martin-Deslias, Noel, *Teilhard de Chardin. Aventureiro do Espírito*, trad. port. de Manuel Poppe, Lisboa, Moraes Editores, 1965.  
☞ Cabral, Roque, «Teilhard de Chardin», in *Logos*, 5, cols. 34-39.